Laura Bellini

Quando deixamos de fingir

O papel mais difícil começa quando o espetáculo termina



Quando deixamos de fingir

O papel mais difícil começa quando o espetáculo termina

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384901113

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - As regras do espetáculo..... 11
Capítulo 2 - Sem testemunhas 22
Capítulo 3 - Histórias escritas nas entrelinhas 33
Capítulo 4 - Aquilo que não dizemos 43
Capítulo 5 - O direito de dizer não 53
Capítulo 6 - Quando as desculpas acabam..... 63
Capítulo 7 - Entre a amizade e o desejo..... 73
Capítulo 8 - Do outro lado do mundo dele 84
Capítulo 9 - O preço de uma história compartilhada..... 95
Capítulo 10 - Sem interpretar nenhum papel.....106
Capítulo 11 - Aquilo de que precisamos.....117
Capítulo 12 - A verdade que não pode ser adiada 127
Capítulo 13 - Quando toda escolha tem seu preço 138
Capítulo 14 - Entre o que queremos e o que podemos prometer 149
Capítulo 15 - Tudo o que eu não queria ouvir 159
Capítulo 16 - O silêncio depois da última cena.....169
Capítulo 17 - Quando só resta a verdade 181
Capítulo 18 - O primeiro encontro sem plateia 191
Capítulo 19 - O primeiro encontro depois de onze anos 202
Capítulo 20 - A casa para onde voltamos 215

INTRO

Contei a primeira mentira antes mesmo da sobremesa.

— Não, tia, não estou sozinha. Vim com alguém.

Tia Regina ficou imóvel, com a colher suspensa sobre a fatia de cheesecake. Ao nosso redor, as conversas se misturavam, alguém arrastava cadeiras na varanda e, pelas janelas abertas da velha casa à beira de um lago na região da Vármia, entrava o cheiro da grama aquecida pelo sol. Era uma tarde de sábado, a primeira em meses que eu pretendia passar sem responder a perguntas sobre minha vida amorosa. Eu até havia preparado uma estratégia. Dois dias de reunião de família, sorrisos educados, algumas conversas sobre trabalho e a volta para Varsóvia no domingo, antes do meio-dia. Nada de confidências. Nada de explicar por que, aos vinte e nove anos, eu ainda não planejava me casar.

E, acima de tudo, nenhuma menção ao homem que, três meses antes, havia decidido que meu trabalho era um hobby adorável, desde que não começasse a atrapalhar os planos dele.

— Com quem? — Regina pousou a colher. — Diana, você não me contou nada!

Esse era justamente o problema com a minha família. Uma única frase inocente conseguia, em quinze minutos, se transformar numa notícia que vinte pessoas já conheciam.

— Porque não surgiu a oportunidade.

— É alguém sério?

Olhei para a porta que dava para o jardim. Do outro lado, havia um gramado onde meus primos preparavam as mesas

para a fogueira daquela noite. Pensei que ainda poderia salvar a situação. Dizer que estava falando de uma amiga. De um cliente. De qualquer pessoa que não desse a Regina motivos para começar a planejar outro casamento.

Em vez disso, ouvi minha própria voz:

— Mikołaj.

Minha tia piscou.

— Aquele Mikołaj?

— Quantos Mikołajs você conhece?

— Sokołowski? Aquele seu bibliotecário?

— Ele não é meu.

Regina abriu um sorriso tão grande que me arrependi imediatamente das últimas três frases.

— Eu sabia!

É claro que sabia. Havia onze anos minha família tinha certeza de que Mikołaj Sokołowski era meu destino. Nem mesmo o fato de nós dois nunca termos recebido essa informação parecia incomodá-los.

Nós nos conhecemos no primeiro ano da faculdade, quando me abriguei de uma tempestade na biblioteca com meu caderno de desenhos completamente encharcado. Na época, Mikołaj trabalhava no balcão de empréstimos. Em vez de comentar minha situação lamentável, trouxe papel-toalha e perguntou se eu estava mais preocupada com os desenhos ou com o celular. Desde então, ele me viu em situações nas quais nenhuma mulher sensata gostaria de ser vista por um homem atraente. Sabia como eu chorava de um jeito nada bonito quando estava furiosa. Conhecia minhas piores decisões e conseguia identificar, sem jamais errar, o

momento exato em que eu fingia não me importar com alguma coisa.

Tinha trinta e três anos, paciência com pessoas que devolviam livros seis meses depois do prazo e o hábito irritante de fazer uma única pergunta certeira em vez de oferecer dez bons conselhos.

Era meu melhor amigo.

E eu acabara de transformá-lo em meu namorado.

— Onde ele está? — perguntou Regina.

Foi então que o vi pela janela.

Estava perto do portão de madeira, usando uma camisa clara com as mangas dobradas e segurando uma sacola de papel de uma padaria. Conversava com meu pai, que lhe mostrava alguma coisa no carro. Mikołaj ouvia com a atenção de alguém que realmente queria compreender a história de outra pessoa. Mesmo quando o assunto eram as propriedades extraordinárias de um novo bagageiro de teto.

Ele estava ali porque eu o havia convidado. Não como namorado, mas como aliado. Prometi dois dias à beira do lago, comida caseira e a possibilidade de ler tranquilamente no píer. Em troca, ele me ajudaria a escapar dos parentes convencidos de que uma mulher solteira precisava de uma intervenção imediata.

Só não tinha contado que pretendia alterar os termos do nosso acordo.

— Ele já vem — respondi.

Regina já estava se levantando da mesa.

— Preciso contar para sua mãe!

— Tia, por favor, não transforme isso num acontecimento.

— Querida, depois de tantos anos? Isso é um acontecimento!

Ela desapareceu na cozinha antes que eu conseguisse impedi-la.

Levantei, peguei meu copo de limonada e saí para a escada dos fundos. O sol começava a descer em direção às árvores, e o lago além do jardim tinha uma tonalidade de prata fosca. Sandálias infantis estavam espalhadas pelo terraço. Alguém havia esquecido uma caixa de lápis de cor aberta. Sentei no degrau mais alto e tirei o celular do bolso.

Mikołaj, precisamos conversar.

Digitei a mensagem, mas não a enviei.

Não queria fazer aquilo pelo celular. Principalmente porque ele sabia interpretar minhas mensagens bem demais. Três palavras e a ausência de um emoji bastavam para que percebesse que eu tinha aprontado alguma coisa.

— A situação é tão ruim assim?

Levantei a cabeça.

Ele estava alguns degraus abaixo, com a sacola de papel apoiada no quadril. Tinha os cabelos escuros ligeiramente despenteados e aquela expressão familiar, discretamente divertida, que geralmente significava que estava prestes a dizer alguma coisa insuportavelmente sensata.

— Como você sabe que é ruim?

— Você está sentada na escada, com o celular na mão, parecendo que está tentando inventar um álibi.

— Talvez eu esteja apenas admirando a paisagem.

Ele olhou para o lago.

— De costas para ela?

Suspirei.

Mikołaj se sentou ao meu lado. Não perto demais. Nunca ocupava mais espaço na vida de outra pessoa do que aquele que lhe era oferecido. Era justamente essa a característica de que eu mais gostava nele. Ao seu lado, não precisava ser mais engraçada, mais interessante ou menos complicada do que realmente era.

— Trouxe seus pãezinhos doces favoritos — disse ele. — Embora esteja começando a achar que deveria ter comprado alguma coisa mais forte.

— Regina acha que estamos namorando.

Por alguns instantes, ele me observou em silêncio.

— Entendi.

— Não foi planejado.

— Claro que não.

— Mikołaj.

— Diana.

Ele pronunciou meu nome com tranquilidade, mas sem aquele calor familiar que normalmente suavizava sua ironia.

— Como, exatamente, ela chegou a essa conclusão?

Passei um dedo pela superfície úmida do copo.

— Eu disse que tinha vindo com alguém.

— Até aí, é verdade.

— Depois ela perguntou se era alguém sério.

— E?

— Eu disse seu nome.

Ele inclinou a cabeça para trás e olhou para o céu. Um sorriso surgiu em seu rosto, mas desapareceu depressa.

— Então fui promovido sem nem passar por uma entrevista.

— Se você quiser recusar, eu vou entender.

— Vai mesmo?

Aquela única pergunta soou diferente de todas as anteriores. Virei-me para ele. Mikołaj continuava olhando para a frente, enquanto seus dedos apertavam a borda da sacola de papel.

— Claro que vou.

— Porque, às vezes, tenho a impressão de que você conta com a minha presença antes mesmo de pensar em me perguntar se quero estar ali.

Aquilo me machucou mais do que deveria.

Quis responder com uma brincadeira, mas havia alguma coisa em sua voz que me fez ficar calada. Lembrei dos últimos meses. Das ligações tarde da noite, quando eu precisava conversar. Do jantar que ele cancelou para me ajudar a mudar meu ateliê de lugar. E daquela sexta-feira em que me convidou para ir ao cinema e eu recusei, porque achei que poderia encontrá-lo quando quisesse.

Nunca tinha perguntado se ele também pensava assim.

— Me desculpa — falei, por fim. — Eu não deveria ter dito aquilo sem o seu consentimento.

Ele se virou para mim. Nossos ombros quase se tocavam, e de repente percebi como estávamos sentados perto um do outro. Mikołaj tinha cheiro de algodão limpo, café e alguma coisa acolhedora, familiar. Um aroma que, durante anos, eu havia associado à sensação de segurança.

Dessa vez, porém, não consegui me concentrar apenas nessa associação.

— Não estou bravo — disse ele. — Só quero saber o que você espera de mim.

Uma gargalhada da minha mãe chegou até nós, vinda de dentro da casa. Logo depois, alguém chamou para que fôssemos tirar uma foto com toda a família.

Mikołaj não se levantou. Esperava uma resposta.

Eu tinha preparado pelo menos uma dúzia de argumentos para explicar por que fingir um namoro seria inofensivo. Poderia falar de Regina, do meu ex-namorado, de como precisava desesperadamente de um fim de semana sem ser submetida a um interrogatório familiar.

Mas, sentada ao lado de Mikołaj, pensei pela primeira vez que o preço da minha tranquilidade poderia ser alguma coisa que, até então, eu nem sequer havia considerado.

— Eu queria que você fingisse ser meu namorado durante dois dias — admiti. — Mas, se isso for demais para você, vou contar a verdade para eles.

Ele me observou atentamente.

— E se eu aceitar, Diana? O que vamos fazer quando o espetáculo terminar?

Não respondi.

Porque, pela primeira vez em onze anos, eu já não tinha certeza de que nós dois queríamos voltar aos nossos antigos papéis.

Capítulo 1 - As regras do espetáculo

Mikołaj continuava sentado ao meu lado na escada quando ouvimos mais um chamado vindo de dentro da casa para a foto de família. Normalmente, numa situação dessas, ele teria me lançado um olhar cúmplice, inventado uma desculpa e me ajudado a escapar daquela obrigação coletiva. Dessa vez, não fez nada. Manteve a sacola de papel sobre os joelhos e esperou que eu respondesse à pergunta que acabara de fazer.

— Não sei o que vamos fazer depois — admiti. — Achei que simplesmente voltaríamos para Varsóvia e tudo seria como antes.

— Tudo?

— Mikołaj, estamos falando de um fim de semana, não de um casamento.

— É justamente por isso que estou perguntando agora. Se fosse um casamento, seria um pouco tarde para discutir as condições.

Tentei sorrir, mas ele não correspondeu. Não parecia ofendido. Estava mais para concentrado, como quando alguém lhe contava a história de um livro cujo final não combinava com o começo. Aquela atenção dele, que antes me tranquilizava, de repente se tornou desconfortável. Percebi que ele havia vindo ao lago para descansar, e eu já tinha conseguido transformar seu fim de semana livre num compromisso que ele nem sequer tivera a oportunidade de aceitar.

— Vou desfazer isso — propus. — Entro lá e digo que Regina entendeu errado.

— Mas ela entendeu errado?

— Não. Fui eu que a induzi ao erro.

Mikołaj assentiu.

— Então pelo menos sabemos por onde começar.

Minha prima mais nova, Zosia, saiu da casa. Segurava o celular e tinha a expressão de alguém a quem haviam confiado uma missão de importância histórica.

— Diana! A vovó disse que não vamos começar sem vocês. E a tia Regina mandou avisar que vocês precisam ficar juntos.

Mikołaj olhou para mim, depois para Zosia.

— Diga que já estamos indo.

— Tá bom. Mas andem logo, porque o tio Andrzej já está ajustando o tripé pela segunda vez.

Quando ela desapareceu, encostei o copo junto à parede e me levantei.

— Você não precisa fazer isso. De verdade.

— Eu sei.

Ele também se levantou, mas, em vez de me acompanhar, me deteve com uma pergunta tranquila:

— Por que você quer tanto que eles acreditem que está com alguém?

Eu poderia ter dito que Regina era insuportável. Que minha mãe se preocupava comigo sem motivo e que mais uma pergunta sobre filhos me faria fugir para o lago e permanecer lá até segunda-feira. Tudo isso seria verdade. Só que Mikołaj me conhecia bem o suficiente para reconhecer uma resposta usada como desculpa.

— Porque não quero que olhem para mim como se eu fosse uma mulher cuja vida deu errado — respondi. — Em Varsóvia, tenho meu ateliê, meus clientes, um apartamento que sustento sozinha. Mas aqui basta eu não ter um namorado para, de repente, todo o resto deixar de ter importância.

— Seus pais têm orgulho do seu trabalho.

— Eu sei. Mas minha mãe consegue elogiar minhas ilustrações e, na mesma frase, perguntar se não seria mais fácil trabalhar menos caso eu encontrasse o homem certo.

Uma expressão de compreensão passou pelo rosto dele. Mikołaj apoiou a mão no corrimão de madeira, revelando uma pequena cicatriz perto do pulso. Eu me lembrava do dia em que a ganhou, quando me ajudava a retirar uma vidraça quebrada do meu antigo ateliê. Ele sempre estava presente nessas pequenas catástrofes. E era justamente isso que começava a me inquietar: quantas vezes eu havia considerado sua disposição para ajudar uma coisa absolutamente garantida.

— Você não precisa de um namorado para que sua vida tenha valor — disse ele.

— Eu sei disso.

— Só quero ter certeza de que você também sabe.

Olhei para ele com uma irritação que logo deu lugar à gratidão.

— Se você não fosse tão sensato, seria muito mais fácil tirar proveito de você.

— Suspeito que seja justamente por isso que você passou onze anos aperfeiçoando a técnica.

Dessa vez, ele sorriu. Foi um sorriso breve, mas suficiente para que eu voltasse a respirar com tranquilidade.

— Eu aceito — disse.

Fiquei surpresa.

— Sério?

— Com uma condição. Na verdade, com algumas, mas existe uma que é a mais importante.

Esperei.

— Você não vai tomar decisões por nós dois. Nem na frente da sua família, nem quando estivermos sozinhos.

Meu primeiro impulso foi garantir que eu nunca fazia isso. Então me lembrei de que, menos de quinze minutos antes, havia apresentado Mikołaj como meu namorado sem perguntar nada a ele. Fechei a boca.

— Você tem razão.

— Isso não é uma competição, Diana. Não precisa me dar um ponto.

— Estou lhe dando algo muito mais raro. Estou reconhecendo um erro meu.

Ele soltou uma risada baixa.

— Vou guardar este momento na memória.

Descemos a escada e seguimos em direção ao jardim. No caminho, porém, parei junto à porta para ajeitar o cabelo usando o vidro como espelho. Mikołaj ficou ao meu lado. No reflexo, vi nós dois juntos: eu, com um vestido verde-escuro e os cabelos presos de qualquer jeito na nuca; ele, com uma camisa clara e calças azul-marinho. Parecíamos duas pessoas que haviam chegado a uma reunião de família sabendo, havia muito tempo, qual era seu lugar ali.

Havia algo inquietantemente agradável naquele pensamento.

— Não estamos muito convincentes — murmurei.

— O que está errado?

— Você está calmo demais.

— Quer que eu comece a suar de nervosismo?

— Poderia pelo menos parecer apaixonado.

Mikołaj virou o rosto. Durante um instante, me observou com tanta atenção que esqueci a provocação que eu mesma havia feito.

— Cuidado com o que você pede — disse suavemente.

Então abriu a porta e me deixou passar primeiro.

Mais de trinta pessoas nos esperavam no gramado. Vovó Halina estava sentada numa cadeira na primeira fila, cercada de netos e bisnetos. Meu pai tentava convencer os primos menores a pararem de pular, enquanto minha mãe conversava com Regina, que nos viu imediatamente.

— Aí estão eles! Nosso novo casal!

Senti Mikołaj diminuir o passo. Ele não me tocou. Apenas me lançou um olhar interrogativo e eu, lembrando-me do que ele havia dito, passei a mão por seu braço por iniciativa própria.

— Podemos? — perguntei baixinho.

— Podemos.

Não havia nada de especialmente íntimo naquele gesto. Já havíamos caminhado de braços dados por calçadas cobertas de gelo, durante o casamento de uma prima minha e numa noite de Ano-Novo em que torci o tornozelo. Dessa vez, porém, eu sabia que as pessoas ao nosso redor

interpretariam aquilo de outra forma. Pior ainda: eu também começava a reparar em coisas que antes passavam despercebidas. O calor de seu antebraço, a maneira como ele ajustava discretamente o passo ao meu e o fato de não tentar assumir o controle da situação.

Regina imediatamente indicou um lugar para nós perto da vovó.

— Vamos, meus queridos, fiquem mais juntinhos. Vocês não vão morder um ao outro!

Mikołaj se inclinou até meu ouvido.

— Isso eu não prometi.

Soltei uma risada pelo nariz exatamente no momento em que tio Andrzej acionou o temporizador da câmera. Na fotografia, provavelmente eu pareceria uma mulher genuinamente feliz. O problema era que, durante alguns segundos, eu realmente fui.

Depois da foto, fomos cercados pela família. Minha mãe me abraçou e sussurrou que estava muito feliz, embora eu pudesse ter contado antes. Meu pai apertou a mão de Mikołaj com uma solenidade que não demonstrava nem ao assinar contratos. Quem mais me surpreendeu, porém, foi minha avó. Ela nos chamou com um gesto e, em vez de fazer perguntas, nos examinou por baixo das sobrancelhas grisalhas.

— Vocês ficam bem juntos — declarou.

— Vovó... — comecei.

— Não precisa me explicar nada. Sou velha, não sou surda. A casa inteira já está comentando.

Mikołaj se agachou ao lado da cadeira dela.

— Espero que não tenhamos causado nenhum problema.

— Problema foi quando meu Marian apareceu no nosso noivado com uma orquestra, mesmo sem ter dinheiro para comprar as alianças. Pelo menos vocês chegaram na hora certa.

Minha avó deu alguns tapinhas na mão dele, e vi sua expressão se suavizar. Ela gostava de Mikołaj desde o primeiro encontro. Não porque o considerasse um candidato adequado para mim, mas porque, durante as reuniões de família, ele sempre encontrava um momento para conversar com ela. Sabia que gostava de atlas antigos e de histórias sobre Olsztyn antes da guerra. Lembrava até que, havia dois anos, ela tinha dificuldade para ler letras pequenas e, por isso, lhe trazia livros com fontes maiores.

Regina, entretanto, não nos deixou descansar.

— Então, desde quando vocês estão juntos?

Senti Mikołaj olhar em minha direção. Bastaria eu mencionar qualquer data e ele provavelmente conseguiria encaixar nela uma história adequada sem cometer um único erro. Em vez disso, lembrei do nosso acordo.

— Ainda não queremos falar sobre os detalhes — respondi.

Minha tia fez um biquinho de desaprovação.

— Mas somos uma família.

— É justamente por isso que espero que vocês respeitem nossa decisão.

Mikołaj não acrescentou nada. Só quando Regina encontrou outro assunto, apertou delicadamente minha mão. Um gesto breve de reconhecimento. Percebi que aquilo me deu mais prazer do que todas as felicitações da família.

À noite, durante os preparativos para o jantar, nos encontramos junto à bancada da cozinha. Mikołaj cortava limões para uma jarra de água, enquanto eu organizava fatias de pão sobre uma tábua de madeira. Pela porta aberta, ouvíamos as conversas dos parentes e o estalar dos galhos sendo acesos para a fogueira. Reinava aquele tipo particular de confusão que eu lembrava da infância, quando a casa da vovó me parecia o lugar maior e mais seguro do mundo.

— Você lidou muito bem com Regina — comentou.

— Surpreendi a mim mesma.

— Percebi.

— Achei que você fosse responder por mim.

— Eu poderia. Mas não precisava.

Parei de organizar as fatias. O que ele havia dito era simples e, ainda assim, atingiu exatamente um ponto que eu preferia evitar. Nos últimos meses, Mikołaj havia me salvado muitas vezes de conversas difíceis. Nunca exigiu gratidão, mas eu me perguntava cada vez menos se aquela ajuda lhe custava alguma coisa.

— Uma vez você perguntou se eu não tratava você como um serviço de emergência — lembrei.

— Eu me lembro.

— Fiquei ofendida naquela ocasião.

— Disso também me lembro.

— Acho que estou começando a entender o que você quis dizer.

Ele largou a faca.

— Eu não queria que você se sentisse culpada. Só queria, de vez em quando, ser alguém para quem você liga também quando está tudo bem.

Durante alguns instantes, fiquei ouvindo as vozes que vinham do jardim. A vergonha era silenciosa e desagradável, porque dessa vez eu não tinha do que me defender.

— Quero mudar isso — falei.

Mikołaj me olhou com uma gentileza cautelosa.

— Fico feliz.

Ele não disse que já estava tudo bem. Não prometeu que uma única conversa seria suficiente. Terminou de cortar os limões, enquanto eu sentia um alívio inesperado ao perceber que não precisava recuperar imediatamente toda a sua aprovação.

No jantar, sentamos lado a lado. Não trocamos palavras carinhosas nem fingimos uma paixão arrebatadora. Conversamos sobre livros, lembranças da infância e meu trabalho nas ilustrações para uma nova edição de contos de fadas. Quando uma tia perguntou se eu pretendia algum dia abandonar a profissão autônoma em favor de algo mais estável, Mikołaj não respondeu por mim. Esperou que eu mesma explicasse que vivia do meu trabalho havia seis anos e que estava justamente negociando o maior contrato da minha carreira.

Só mais tarde, quando a conversa mudou de assunto, ele se inclinou em minha direção.

— Tenho orgulho de você.

Olhei para ele, surpresa.

— Por quê?

— Porque você não pediu desculpas a ninguém por ter ambições.

Não havia nenhum traço de superioridade em sua voz. Ele disse aquilo como alguém que acabara de perceber algo importante, e de repente me vi desejando que percebesse ainda mais coisas.

Depois do jantar, Regina se aproximou com o celular na mão.

— Vocês tiraram alguma foto juntos? Queria mostrar para sua tia Irena, já que ela não pôde vir.

Abri a boca, mas Mikołaj falou primeiro.

— Preferimos que, por enquanto, isso fique apenas entre as pessoas que estão aqui.

Regina olhou para mim, visivelmente decepcionada.

— Não é como se eu fosse anunciar nos jornais.

— Nós sabemos — respondi. — Só não queremos fotos nem mensagens para o restante da família ainda.

Minha tia suspirou e se afastou. Mikołaj acompanhou sua saída com os olhos.

— Desculpe por ter respondido primeiro. Eu poderia ter esperado.

— Tudo bem. Eu ia dizer a mesma coisa.

— Tem certeza?

— Tenho. E obrigada por perguntar.

Durante um instante, ficamos frente a frente, enquanto as conversas ao redor pareciam seguir em algum lugar distante. Mikołaj colocou as mãos nos bolsos, como se estivesse conscientemente contendo o impulso de fazer algum gesto.

— Parece que sabemos negociar — comentou.

— Desde que nenhuma das partes altere o contrato sem avisar.

— Essa cláusula é especialmente importante.

Sorri, mas logo fiquei séria.

— Vou cumpri-la.

Pela primeira vez desde nossa chegada, senti que minha mentira havia deixado de ser apenas uma maneira particular de evitar perguntas incômodas. Mikołaj tinha seu próprio lugar naquela história, seus próprios limites e suas próprias expectativas. Se eu quisesse preservar nossa amizade, precisaria aprender a enxergá-los com a mesma clareza com que enxergava os meus.

E quando, mais tarde, perto da fogueira, ele empurrou um cobertor extra na minha direção antes mesmo que eu dissesse que estava com frio, compreendi outra coisa.

Até então, eu considerava sua atenção uma parte natural da nossa amizade.

Agora começava a me perguntar como seria viver ao lado de um homem capaz de amar justamente daquela maneira.

Capítulo 2 - Sem testemunhas

Acordei com batidas na porta e a voz da minha mãe anunciando que o café da manhã seria servido em meia hora. Durante alguns segundos, não me lembrei de onde estava. Então vi o papel de parede familiar, com pequenas flores, a velha escrivaninha sob a janela e a mala encostada perto do guarda-roupa. Na infância, eu me lembrava daquele quarto como um refúgio contra o barulho da família. Agora ele se revelava o único lugar onde ninguém esperava que eu me comportasse como uma mulher apaixonada.

Peguei o celular. Uma mensagem de Mikołaj, enviada às oito e dezessete, me esperava na tela.

"Fui comprar café no mercadinho. Quer o de sempre ou sua nova identidade exige que você beba exclusivamente coisas destinadas a casais felizes?"

Sorri sem querer.

"O de sempre. E um pãozinho doce, se ainda tiver."

A resposta chegou quase imediatamente.

"Desta vez, só compro para pessoas que sabem dizer por favor."

"Por favor, senhor Sokołowski."

"Agora isso está soando suspeitosamente interessante."

Deixei o celular de lado e passei um bom tempo olhando para o teto. Mikołaj estava flertando comigo por mensagem. Ou talvez estivesse apenas brincando, como fazia havia onze anos? Não conseguia decidir o que era pior: a possibilidade de que estivesse fazendo aquilo de propósito

ou o fato de que, de repente, eu desejava muito que fosse exatamente isso.

No café da manhã, a primeira surpresa me esperava. Minha mãe colocou um prato de ovos mexidos diante de mim e anunciou que a vovó gostaria de organizar uma pequena comemoração no fim de agosto, por ocasião de seu aniversário de oitenta e cinco anos. A casa à beira do lago precisava de alguns reparos, mas a família pretendia preparar a festa em conjunto. Regina já havia sugerido que fizéssemos algo especial.

— Pensamos numa exposição de fotografias da família — explicou minha mãe. — A vovó tem álbuns que remontam à época do pai dela. Você poderia preparar ilustrações mostrando a casa e os acontecimentos mais importantes.

Senti despertar meu interesse profissional habitual. Adorava trabalhar com fotografias antigas, especialmente quando permitiam contar a história de lugares. O problema era que eu estava justamente negociando um grande trabalho para uma editora. Não podia me permitir assumir outro projeto sem definir antes seu alcance e os prazos.

— Vou adorar ajudar, mas primeiro preciso conferir minha agenda — respondi.

— Claro. Não queremos que você trabalhe de graça durante as férias inteiras.

Quem disse isso foi minha mãe. Regina, sentada do outro lado da mesa, parecia menos convencida.

— Família não vai cobrar uma da outra, vai?

— Mas a família pode definir uma quantidade razoável de trabalho — interveio Mikołaj, que acabara de entrar na sala de jantar trazendo um copo de papel com café para mim.